

CORA CORALINA E O COMPUTADOR: VELHICE E LETRAMENTO DIGITAL PERSPECTIVADOS PELOS DIREITOS HUMANOS

Jorge Alves Santana

jorgeufg@bol.com.br

<http://lattes.cnpq.br/2812435500901945>

Luciana Amorim de Santana Mota

lua.santana@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4849228602850604>

Alice Amorim de Santana Mota

alicemota@live.com

<http://lattes.cnpq.br/3683645652295879>

RESUMO

A poetisa goiana Cora Coralina, em seu poema *Para o meu visitante Eduardo Melcher Filho* (2004) nos apresenta um contexto de relação entre homem e computador. Neste quadro, refletiremos sobre a pessoa idosa, inserta/incerta no campo das tecnologias de informação (Tis) e afins e, também, sobre os contextos de intergeracionalidade e direitos ao letramento tecnológico/digital na velhice. Tais temas são baseados predominantemente pelos estudos de Pierre Lévy (1996; 1998; 2004) e Magda Soares (2000; 2004).

Palavras-chave: Cora Coralina; velhice; letramento digital; tecnodemocracia

INTRODUÇÃO

A poetisa goiana Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, cujo reconhecido nome artístico é Cora Coralina, é uma figura singular e instigante nas letras brasileiras. Sua produção poética, em um misto de prosa e de poesia, explora temáticas tais como: as tradições sociais, políticas e culturais do centro-oeste goiano, as estratégias da memória, a condição feminina em épocas de domínio patriarcal, questões de minorias sócio-políticas, as relações de intergeracionalidade, entre outros.

A poetisa goiana costumava dizer que vinha do século passado. No caso, trata-se do Século XIX, pois nasceu no ano de 1889 (e faleceu em 1985). Este marcador temporal é importante para nossas reflexões, pois é através também da temporalidade que refletiremos sobre um dos seus mais instigantes posicionamentos existenciais, que é o

seu encantamento pessoal pelas inovações culturais e tecnológicas que via surgir a sua frente. Mesmo começando a escrever na velhice, sua obra começa a ser publicada quando ela já possuía mais de setenta anos, seus desejos de conhecer, usar e integrar-se às novidades dos tempos presentes e futuros é marca constante tanto de sua vida factual quanto de sua ficção.

Dado o quadro, acompanharemos aqui as modalidades de inserção da pessoa idosa, via poema de Cora Coralina, na rede tecnossocial que surgia no Brasil, à época dos últimos anos de vida desta poetisa. Através desta ficção poética, refletiremos sobre as relações da pessoa idosa com as novas tecnologias. Em particular, observaremos como pode ocorrer o contato de tais pessoas com a tecnologia da informação, via computador e outros suportes. Como tais tecnologias eram de divulgação e uso restritos na década de 80, do século passado, em nosso país, também abordaremos a situação do letramento digital. Prática esta tão necessária em um país de notórias diferenças de classes socioeconômicas e educação sistemática de baixa oferta e consolidação para variados segmentos populacionais e etários.

Ao lado das temáticas acima, também observaremos como as sociedades contemporâneas são estruturadas por relações cada vez mais engenhosas e híbridas no aspecto de suas bases feitas por realidades factuais e realidades virtuais. Isto nos mostrará como estamos vagarosamente criando, por vezes sem consciência política e pedagógica do fato, uma sociedade tecnodemocrática¹. Nesta sociedade, também veremos como as pessoas hibridizam-se com as velhas e novas tecnologias, no caso, de informação possibilitada por plataformas tecnológicas como, por exemplo, a do computador.

1 O conceito de tecnodemocracia é refletido por Pierre Lévy em seu clássico estudo *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Estudo este que aponta, entre outros aspectos, para a necessidade de inclusão dos mais variados segmentos sociais no conhecimento e uso de dispositivos tecnológicos.

A VELHICE RIZOMÁTICA² ENTRE A REALIDADE E A VIRTUALIDADE

Em um poema publicado no livro *Vintém de Cobre: meias confissões de aninha* (1983; 2004), Cora Coralina nos surpreende pela sua percepção sobre a tecnologia computacional, seu uso profissional e social, bem como por sua disposição para se relacionar com pessoas de outras gerações, tentando lhes compreender os desejos, as disposições pessoais/coletivas e o mundo que tais pessoas estavam construindo.

Vejamos o poema, no qual a empatia pessoal, em contexto intergeracional³, quanto às novas tecnologias nos é dada pela escritora:

Para o meu visitante Eduardo Melcher Filho

Ele me disse:
trabalho com um computador e não estou satisfeito.
gostaria de ser pintor, compositor, poeta.
escrever romances, fazer Arte.
meu elemento de trabalho é por demais mecânico,
insensível, impessoal.

Amigo, disse-lhe em mensagem:
olha bem uma lixeira, um monte de lixo.
não voltes o rosto enojado,
nem o lenço ao nariz ao cheiro acre
que te parece insuportável.
no lixo nauseante há um vida,
muitas vidas
e na vida haverá sempre sentimento,
vibração e poesia.
tudo que compõe o lixo veio da terra

2 A ideia de rizoma é desenvolvida pelos pensadores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, sendo que essa condição marcaria subjetividades, situações e fenômenos pela ontologia da conexão, da multiplicidade, da heterogeneidade, da a-significância semiótica e da cartografia existencial flexível.

3 Por intergeracionalidade, seguimos a proposta do sociólogo judeu Karl Mannheim, que abre o conceito para além da questão etária, considerando variáveis para a formação dos grupos geracionais, tais como dialogismo com diferentes grupos etários, sociais e culturais. Assim, uma geração não seria apenas aquele grupo social composto por agentes sociais de faixa etária semelhante; bem como por valores e comportamentos padronizados.

e, depois de aproveitado
usado, espremido e sugado,
volta para a terra.

Milhões de germens fazem ali uma química
poderosa e fecundante,
transformando em húmus a matéria orgânica,
repulsiva e rejeitada.
ele vai fazer seu retorno a terra
num processo de transformação
e esta a devolverá a ti
no sabor perfumado de um sorvete de morangos
procura sempre a alma oculta do teu computador
ele é uma criação maravilhosa da inteligência humana
um dia tua sensibilidade a encontrará.
(CORALINA, 2004, p. 246).

Cora Coralina, nascida na Cidade de Goiás, passou por volta de quarentas anos morando em cidades do interior paulista. Quando retorna a sua cidade natal, habita pelo resto de sua vida um casarão à beira do Rio Vermelho. Aí, entre a produção poética e sua atuação como doceira artesanal, tinha o hábito de receber muitos visitantes sequiosos por conhecer sua obra e a própria poetisa. Visitantes do Brasil e de outros países a visitavam de modo recorrente, tanto em sua vida quanto após sua morte. Hoje em dia, tal casarão é um museu, local dos mais visitados na antiga capital do Estado de Goiás.

Assim, vemos que o poema citado acima nos ficcionaliza a visita de certo Eduardo Melcher Filho, profissional de computação na década de 80, do século passado. O teor do texto nos dá a ideia da insatisfação que tal profissional possui em sua profissão, pois é explícita sua inadequação ao dispositivo tecnológico. O que o faz pensar em mudar desta profissão para outro campo de trabalho, como o da produção artística.

Esperaríamos, naturalmente, que o eu-lírico do poema (um biografema da própria poetiza, que tinha o hábito de realmente receber visitantes em sua casa; ler os seus poemas para eles e, do alto de sua velhice, aconselhá-los sobre questões pragmáticas) endossasse o propósito de Eduardo. No entanto, não é o que ocorre. A poetisa nos dá então uma mostra instigante de sua adequação aos novos tempos e tece uma densa reflexão sobre a relação humana com as novas tecnologias.

Em uma espécie de teor animista, Cora Coralina evoca a ontologia universal dos seres, tanto animados quanto inanimados, no âmbito de um animismo, no qual todos os seres são constituídos de modo relacional e dialógico. Assim, se o computador, à época em que o caso ocorre, parece demonstrar uma irrefreável desumanização do humano, para a poetisa, ocorre justamente o contrário. O dispositivo, se usado de modo humanitário, democrático e cooperativo, é básico para a construção de uma nova sociedade tecnodemocrática.

Insuflada pelo animismo existencial e poético e, ao mesmo tempo pragmático, a posição do eu-lírico encaminha-se para a necessidade de compreensão da funcionalidade e da integração homem-máquina, que havemos de possuir:

[...] ele vai fazer seu retorno a terra
num processo de transformação
e esta a devolverá a ti
no sabor perfumado de um sorvete de morangos
procura sempre a alma oculta do teu computador.
CORALINA, 2004, p. 246.

Do alto de seus mais de noventa e quatro anos, Cora Coralina nos ilustra posicionamentos possíveis e necessários em nossas vidas cotidianas. Isto, quando nos deparamos com situações que nos desafiam e, por vezes, tendem a nos alienar de nossos próprios trabalhos.

O quadro é singular, em se tratando da perspectiva de uma pessoa idosa⁴ que não teve sequer os anos básicos de educação escolar sistêmica, pois, em sua época, mulheres não eram estimuladas a tais atividades. Quando escreve este poema, os computadores acabam de chegar ao Brasil e apenas órgãos e empresas de ponta possuíam tais dispositivos. No caso da poetisa, ela tinha apenas uma máquina manual de datilografar em sua casa de uma cidadezinha em franca decadência, após o término do

4 Usamos aqui os termos “pessoa idosa” e “velho/ velha” de modo intercambiável. Ambos abrangem a pessoa em sua fase de vida após os 60 anos. Fase essa já normatizada por leis e políticas da Gerontologia, Geriatria e outras organizações político-sociais. Os termos “velho” e “velha”, apesar da aparente carga cultural pejorativa, são usados de modo recorrente e pragmático por profissionais dessas áreas.

ciclo de ouro na região. Deste modo, ficamos curiosos com o posicionamento *avant-garde* da escritora e também ficamos instigados em tentar compreender os móveis que lhe dispõem a inteligência e os afetos, para possuir tal abertura de posicionamento em relação às novidades tecnológicas e as suas possibilidades de transformações pessoais e sociais. Perguntamo-nos então: é possível apreciar uma tecnologia sem ainda compreendê-la integralmente? O que move mesmo tal interesse por dispositivos altamente tecnológicos? É possível inserir as pessoas não alfabetizadas/ letradas no mundo cibernético, principalmente as pessoas idosas? Mesmo as pessoas idosas, de épocas pré-internet e afins, devem fazer parte de nossa ainda frágil tecnodemocracia contemporânea?

LETRAMENTO DIGITAL NA INTERGERACIONALIDADE

A linguista Magda Soares (2000; 2004) nos ensina que o letramento é um processo mais amplo que a alfabetização para ser puramente escrita. Para ela, qualquer compreensão sistêmica ou assistêmica de possibilidades de leitura (em qualquer semiose) é uma conquista social que possibilita à pessoa, a sua inserção no tecido social a que ela pertence. Dessa forma, a competência para fazer uso das mais variadas linguagens, inclusive aquelas de uso nas tecnologias de informação, são colocadas em relação às diferentes necessidades de posicionamento/uso sociais. Letramento é, pois, um processo heterogêneo de aquisição e uso das mais variadas linguagens e que possibilita uma capacidade multitarefa, que permite leituras dos mais variados sistemas linguísticos presentes em uma sociedade historicamente estratificada.

Seguindo ainda o poema de Cora Coralina, citado acima, vemos que uma pessoa idosa se posiciona no campo do letramento heterogêneo. Tal conhecimento advém como que de sua intuição sobre a importância do universo computacional/virtual que já se consolidava em outras partes do mundo.

Sua condição de pessoa idosa não lhe funciona como um entrave para as descobertas e consolidação do computador, e seu corolário de formação e uso. Ao contrário, posiciona-se francamente ao lado das novas gerações de jovens e de adultos em período de produtividade aceita por nossa sociedade capitalista e consolida, também,

as necessárias e positivas relações de intergeracionalidade. Se a poetisa não pôde usar tais dispositivos de TIs, ela incentivará seu uso presente e futuro para o campo existencial de sua comunidade.

Assim, vemos como a pessoa idosa está imersa no campo dialógico das relações entre gerações diferentes. Sua memória a leva constantemente para as épocas de sua infância e adolescência, entre o final do Séc. XIV e primeiras décadas do Século XX. Mesmo assim, ao final dos anos 80 do século passado, a poetisa consegue aliar a tradição pela qual foi formada à contemporaneidade que lhe bate a porta e recebe guarida garantida.

As pessoas idosas, em alguns casos singulares, estão atentas então às novidades de sua sociedade. Ao contrário de permanecerem nos seus museus de recordações pessoais e coletivas, podem também hibridizar os dados de tais museus memorialísticos com os dados do presente, no qual também podem ser sujeitos ativos e, possivelmente, administradoras cooperativas de suas ações, das ações das demais pessoas e articuladores das possibilidades produtivas dos meios nos quais estão inseridas.

No caso da tecnologia computacional e de suas potencialidades, há a percepção, então, de que as realidades cotidianas são produzidas também nos encontros com as realidades computacionais e virtuais. Realidade factual e realidade virtual não são separadas ontologicamente como duas realidades que se diferem; sendo que a primeira seria considerada uma espécie de simulacro e a segunda, como a realidade verdadeira, para o olhar factual e pragmático, como nos ensina o já clássico pensador do virtual/universo cibernético Pierre Lévy (1996; 1999; 2004).

Cora coralina, assim como várias correntes de pensadores e de cientistas contemporâneos, considera os dispositivos tecnológicos como instrumentais semelhantes ao fármaco, ou seja, suas qualificações dependerão do uso que as pessoas farão dele. Assim, não demoniza o computador e, conseqüente, outros dispositivos afins. Para ela, tal tecnologia quando adequadamente usada, poderá realmente consolidar uma sociedade mais produtiva, mais cooperativa e conseqüentemente mais inclusiva.

Como podemos, seguindo a postura otimista e crítica da poetisa, implementar tal letramento digital (entre outros letramentos que lhe são concomitantes) para, principalmente, a pessoa idosa? É possível e útil demandarmos energias pedagógicas, políticas e sociais para tal ação?

DIREITOS À TECNODEMOCRACIA

Pierre Lévy, em sua obra *As tecnologias da inteligência*, nos alerta e ensina que:

A técnica em geral não é nem boa, nem má, nem neutra, nem necessária, nem invencível. É uma dimensão, recortada pela mente, de um devir coletivo heterogêneo e complexo na cidade do mundo. Quanto mais reconhecermos isto, mais nos aproximaremos do advento de uma tecnodemocracia. (2004, p. 119).

Esta sociedade tecnodemocrática está em construção e abrange a vida cotidiana em todo o seu espectro de produção de bens e capitais de várias naturezas, tais como os financeiros e os simbólicos que baseiam o tecido social. Esta produção encontra-se contemporaneamente densamente dirigida por agenciamentos produtivos que limitam e estratificam o trabalho pessoal e coletivo.

Quando observamos o acesso e a permanência da pessoa idosa nessa tecnodemocracia, em construção rápida e avançada, pensamos que não haveria aí lugar para ela. Afinal, velhos e velhas já se aposentaram e, por visão sociopolítica quase consensual, são tidos como inoportunas fontes de gastos para os segmentos de pessoas ainda em produtividade aceita e imposta. No entanto, com nosso surpreendente aumento de média de vida, constatamos que vários segmentos de pessoas idosas estão tão ou mais ativos que na época de sua produção pré-aposentadoria.

Por mais que a pessoa idosa esteja mergulhada em condições adversas em vários campos de sua existência, é possível percebermos que seus desejos de relação interpessoal e de inserção em novas formas de produtividade estão bem avivados. Mesmo com certas desativações de funções e possibilidades mentais e corporais, grande número destas pessoas idosas estão ansiosas por assegurar relações intergeracionais,

conhecer e usar as novas tecnologias. Falta-lhes, usualmente, a contrapartida do ensino-aprendizagem por parte de adultos, jovens e adolescentes.

É habitual vermos adolescentes e jovens se desesperarem quando ficam inseridos em contexto de ensino de uso de novas tecnologias à pessoa idosa. Normalmente fogem desta cooperação e tendem a não compreender a importância desse processo, tanto para quem deseja aprender a nova atividade quanto para quem ensina os procedimentos necessários. Sabemos, no entanto, o quanto tal prática de ensino-aprendizagem é enriquecedora para os atores sociais que nelas mergulham. Velhos e velhas constroem, com auxílio de usuários dos novos campos tecnológicos, portais de saberes que lhes dão abertura para universos pragmáticos que muito possivelmente podem lhes assegurar condições de bem-estar psicofísico e social. Uma nova vida se lhes descortina, podendo até mesmo lhes indicar a possibilidade tão desejada, mas frequentemente impossibilitada, que é a já conhecida situação de desapatentadoria.

Mais que boa vontade e humanitarismo, porém, nossas práticas sociais atuais já judicializa/legisla sobre direitos da pessoa idosa. De modo geral, vários países estão construindo, divulgando e consolidando políticas para que se assegurem os direitos da pessoa idosa, com o objetivo de lhes proporcionar condições ao menos as condições básicas de bem-estar pessoal e social. Exemplo disso são os documentos e diretrizes que, por exemplo, a ONU vem divulgando para nossa aldeia global. O Brasil também está nesse caminho e já possuímos uma Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994) e um Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003). Dessas legislações, construídas permanentemente em anos e anos através de encontros de órgãos do poder público e segmentos da sociedade brasileira, destacamos o *Estatuto do Idoso*, em seu Título II – *Dos Direitos Humanos*, Capítulo V, para ilustrar as reflexões sobre nosso tema em questão:

Art. 20. O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O Poder público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

& 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna. (BRASIL, p. 19).

O Título especificado segue nas indicações de práticas pessoais e sociais que devem ser asseguradas à pessoa idosa. No excerto acima, destacamos a necessidade de se oferecer a este público o aprendizado de novas “técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos para sua integração à vida moderna”. Desse modo, incluiremos um grande segmento social, que é formado por velhos e velhas, no campo existencial historicamente produzido pelas TIs e por tecnologias e dispositivos afins.

A legislação, porém, por mais bem intencionada que seja infelizmente não molda comportamentos cooperativos de uma hora para outra. É preciso ampla divulgação de seus conteúdos e de sua filosofia de valores; além da salutar conscientização da sociedade que cria os aparatos prescritivos e descritivos que capacitam a compreensão e o uso de tais móveis híbridos de realidades factuais e virtuais, bem como dos resultados híbridos produzidos por estas duas realidades.

CONCLUSÃO

Cora Coralina nos surpreende novamente em outro de seus poemas *Nasci antes do tempo*, quando nos conta, de modo poético:

[...]
*Alguém me retrucou.
Você nasceria sempre
antes do seu tempo.
Não entendi e disse Amém.
(CORALINA, 2004, p. 109)*

O “*nascer antes do tempo*” é um dado poético e, portanto, polissêmico. Aqui, podemos abordar aquele campo existencial que estamos observando, o de compreender e acompanhar os desdobramentos de uma dos maiores empreendimentos humanos que

é a construção de realidades virtuais em caráter rizomático com as realidades do mundo físico cotidiano.

A angústia pessoal da pessoa idosa, que surge da inadequação sócio-política que lhe é imposta, deve então ser observada, analisada e compreendida para que se vise o deslocamento de sua condição excêntrica. De sujeito supostamente com funções desativadas, o sujeito envelhecido pode perceber como seu corpo e mente estão conectados às variadas e complexas redes de TIs e dispositivos similares⁵.

Como grande parte das pessoas desse segmento etário está alijada dos avanços tecnológicos e mesmo daqueles mais básicos, como é o caso da educação escolar sistemática, cabe a nós compreendermos também as possibilidades do letramento digital, que possibilita a inserção destes sujeitos em nossa tão desejada e cultivada, mesmo que ainda fragmentariamente tecnodemocracia.

Estaremos, assim, de modo ético e equânime, na trilha do que Pierre Lévy vislumbra:

A aceleração da mudança, a virtualização, a universalização sem fechamento são tendência de fundo, muito provavelmente irreversíveis, que devemos integrar a todos os nossos raciocínios e todas as nossas decisões. (1999, p. 200).

REFERÊNCIAS

CORALINA, Cora. **Melhores poemas**. Seleção de Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

HARAWAY, Donna. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX.”. In: TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Organização e tradução de Tadeu Tomaz. 2a ed, Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

⁵ A reflexão sobre os corpos humanos historicamente já hibridizados por dispositivos mecânicos e tecnológicos é, de forma instigante, explorada por Donna Haraway, em seu seminal artigo *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*.

- _____. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- _____. **As tecnologias da Inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 13a ed, São Paulo: Editora 34, 2004.
- MANNHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”. In: FORACCHI, Marialice M. (Org). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à Sociologia**. São Paulo: Ática, 1982.
- SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS – BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Brasília, 2013.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2a ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- _____. “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 25, jan./fev./mar./abr., 2004, p. 5-17.

SOBRE OS AUTORES:

Jorge Alves Santana: Professor Associado II da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás/UFG. Pertence aos quadros da graduação e da pós-graduação, trabalhando nas frentes de Estudos Literários e Estudos Culturais. Atualmente também é pesquisador em Estágio de Pós-Doutorado, na Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. A pesquisa de seu Pós-Doc trata de representações do envelhecimento e da velhice nas obras de Cora Coralina, Hilda Hilst e Adélia Prado.

Luciana Amorim de Santana Mota: Psicóloga e fonoaudióloga. Trabalha na Secretaria Cidadã, do Estado de Goiás. Está lotada atualmente no Conselho Estadual do Idoso. Possui várias atividades relativas ao desenvolvimento, consolidação e divulgação de políticas para a pessoa idosa, no âmbito regional e nacional. Participou do grupo multidisciplinar e interinstitucional de criação e implantação do Passaporte do Idoso, em Goiás. Participa também do NEPEV (Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Envelhecimento), da Universidade Federal de Goiás.

Alice Amorim de Santana Mota: Graduanda do Curso de Direito da Pontifícia Universidade Católica/PUC-GO. Participa da ABRAPO (Associação Brasileira de Advogados do Brasil - Seção Goiás) e possui interesses acadêmico-profissionais na área de Direitos Humanos.